

Artigo Original

## A ginástica artística masculina brasileira no panorama mundial competitivo (1987-2008)

Mauricio Santos Oliveira <sup>1</sup>  
Marco Antonio Coelho Bortoleto <sup>1 2</sup>

<sup>1</sup> Grupo de pesquisa em Ginástica da Faculdade de Educação Física, UNICAMP, Campinas, SP, Brasil

<sup>2</sup> Grupo de Estudos Praxiológicos da Instituto Nacional de Educação Física, Lleida, Espanha

**Resumo:** A Ginástica Artística Masculina (GAM) brasileira vêm apresentando significativos avanços nas últimas décadas. Deixamos de ser um país inexpressivo no cenário internacional, para obter reconhecimento mediante os bons resultados alcançados por alguns dos nossos atletas. O presente artigo analisou o desempenho dos ginastas brasileiros nas principais competições do calendário mundial da GAM no período de 1987-2008. O objetivo principal foi proporcionar um maior entendimento com relação à atuação desses atletas no panorama mundial competitivo analisando os principais fatores deste processo de desenvolvimento. Para o levantamento dos dados, foi realizada uma pesquisa bibliográfica através de livros, revistas, artigos e páginas da internet especializadas na modalidade. Como resultado das análises, observamos que a melhora dos resultados competitivos internacionais da GAM brasileira foi influenciada especialmente pelo aumento no investimento financeiro, que por sua vez proporcionou uma melhor organização da modalidade e um incremento na infra-estrutura para treinamento e competição.

**Palavras-chave:** Resultados competitivos. Competições internacionais. Ginastas brasileiros.

### *The Brazilian men's artistic gymnastics in the international competitive panorama (1987-2008)*

**Abstract:** The Brazilian Men's Artistic Gymnastics (MAG) have been suffering significant advances in the recent decades leaving the state of a meaningless country in the international arena to gain international recognition due the good results from our athletes. This article analyzed the performance of Brazilian gymnasts in the major competitions during the period of 1987-2008. The main objective of this study is to provide further understanding regarding the performance of Brazilian gymnasts in the MAG competitive panorama in recent years and also analyze the factors that had assisted in this development process. To setting-up the data, was held a bibliographic research through books, magazines, articles and websites specialized in this sport. As a result of the analysis, we could imply that the improvement in brazilian international competitive results were influenced by the increase of the financial support. This financial support resulted in better organization and infrastructure for training and competition.

**Key Words:** Competition results. International competitions. Brazilian gymnasts.

### Introdução

Para entender a dinâmica histórica vivida pela Ginástica Artística (GA) nas últimas décadas, acreditamos ser necessária uma breve revisão dos principais acontecimentos deste período. Esta contextualização facilitará, ademais, a compreensão dos principais aspectos que influenciaram na atual configuração da Ginástica Artística Masculina (GAM), objeto deste estudo.

De acordo com alguns historiadores, a GA chegou ao Brasil com a colonização alemã na região sul do país a partir de 1824 onde foi fundada, no ano de 1858, a Sociedade Ginástica de Joinville em Santa Catarina, sendo esta a mais

antiga da América do Sul ([PUBLIO](#), 2002; [SOARES](#), 1998).

Posteriormente à formação da Sociedade Ginástica de Joinville, surgiu em Porto Alegre no ano de 1866 a Sociedade de Ginástica, que na década de 1890 deu origem à União de Ginastas ([TESCHE](#), 2002). O mesmo autor relata que no início da Segunda Guerra Mundial a União de Ginastas foi convertida em Sogipa (Sociedade de Ginástica de Porto Alegre) entidade que, de acordo com [Publio](#) (2005), consistiu no "berço" da Ginástica Artística (GA) brasileira.

Deste modo, sugere-se que o Rio Grande do Sul foi o primeiro estado a iniciar de forma oficial

e organizada a prática desta modalidade no Brasil. Este estado sediou o primeiro Campeonato Aberto de Ginástica nos dias 18 e 20 de abril de 1896, na cidade de Porto Alegre ([PUBLIO](#), 2002).

No ano de 1942, foi fundado o Departamento de Ginástica na Federação Atlética Rio Grandense (FARG), que originou 20 anos mais tarde a Federação Rio-grandense de Ginástica (FRG). Segundo [Publio](#) (2002), na mesma década, mais precisamente no ano de 1948, foi fundada a Federação Paulista de Ginástica e Halterofilismo (FPGH). Somente no ano de 1956 a Federação Paulista de Ginástica (FPG) seria fundada de forma independente após o seu desmembramento da FPGH.

Seis anos antes desse desmembramento da FPG, foi fundada a Federação Metropolitana de Ginástica (FMG), atual Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro. As três federações (FRG, FPG e FMG) filiaram-se à Confederação Brasileira de Desportos (CBD) no ano de 1951. Essa filiação na opinião de [Publio](#) (2005), teve um caráter de oficialização da modalidade aqui no Brasil. Após a filiação das três federações à CBD, foi realizado o primeiro Campeonato Brasileiro de Ginástica em 1951 na cidade de São Paulo.

Através da CBD, que era o único órgão de reconhecimento internacional esportivo brasileiro da época, o Brasil filiou-se a [Federação Internacional de Ginástica](#) (FIG).

No ano de 1978, conforme relatam [Santos](#) e Santos (1999), a ginástica desmembrou-se da CBD e foi fundada a Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), entidade que é até hoje, responsável pela gestão e organização desta modalidade no Brasil e que representa o país na esfera internacional da GA.

Desde a sua fundação, a CBG foi dirigida por quatro presidentes: Siegfried Fischer, Fernando Augusto Brochado, Mario César Cheberle Pardini e Vicélia Ângela Florenzano. A professora Vicélia exerceu a função de presidente durante cinco mandatos, totalizando 18 anos. Recentemente, em dezembro de 2008, foi eleita a quinta presidente da CBG, Maria Luciene Cacho Resende, cujo mandato segue até 2012. Natural de Sergipe, Maria Luciene foi vice-presidente na gestão de Vicélia Florenzano.

Foi sob a direção da professora Vicélia A. Florenzano que o Brasil conquistou seus

melhores resultados internacionais na GA, o que não significa que seus antecessores não foram importantes. Destacamos os resultados de Luisa Parente em 1991 nos Jogos Panamericanos de Indianápolis onde a ginasta conquistou duas medalhas de ouro sendo uma no salto e a outra nas barras assimétricas; a medalha de prata no solo de Daniele Hypólito no Campeonato Mundial de 2001 na Bélgica; a medalha de ouro de Daiane dos Santos no mundial de 2003 na prova de solo nos Estados Unidos; o bronze de Jade Barbosa no mundial de 2007 no individual geral na Alemanha; e na vertente masculina, os resultados expressivos do ginasta Diego Hypólito no solo: bicampeão mundial (2005 na Austrália e 2007 na Alemanha), vice-campeão mundial (Dinamarca em 2006) e tri-campeão da Grande Final da Copa do Mundo (2004 Inglaterra, 2006 Brasil e Espanha em 2008).

Durante a gestão de Vicélia A. Florenzano, a CBG passou por um período de profundas mudanças iniciadas com a implantação da sede da instituição em Curitiba, com o apoio do Governo do Estado do Paraná e do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) no ano de 1995.

Neste local, a CBG possui um complexo onde se encontram a sede administrativa e o Centro de Treinamento com infra-estrutura de alto nível dentro dos padrões internacionais onde se concentram as seleções permanentes durante a preparação para as grandes competições ([SANTOS](#) et al., 2006). Além de melhorar a infra-estrutura e de implantar o sistema de seleção permanente, a CBG trouxe técnicos estrangeiros de destaque internacional para comandar este projeto, fatores que permitiram que a equipe feminina de GA ficasse entre as oito melhores do mundo nos últimos dois ciclos olímpicos, algo ainda não conquistado na modalidade masculina. Como consequência direta destes investimentos, podemos destacar a classificação da equipe feminina para os Jogos Olímpicos (JO) de Atenas (2004) e Pequim (2008). Estes fatos de certa forma demonstram a consolidação do trabalho em longo prazo realizado nos últimos ciclos olímpicos, considerando que anteriormente o Brasil só havia classificado atletas individualmente para os JO.

Cabe rememorar que a primeira participação da GA brasileira em JO foi em Moscou (1980), com Claudia Magalhães e João Luiz Ribeiro. Em Los Angeles (1984), Gerson Gnoatto e Tatiana

Figueiredo foram os ginastas representantes. A ginasta Luisa Parente participou de duas edições, Seoul (1988) e Barcelona (1992). No masculino, Guilherme Saggese Pinto participou dos JO em Seoul na Coreia (1988) e Marco Antônio Monteiro competiu nos JO de Barcelona na Espanha (1992).

Em Atlanta 1996, Soraya Carvalho classificou-se para as Olimpíadas, mas devido a uma lesão às vésperas do evento não pôde competir. Segundo [Romanelli](#) (2008), a ginasta sofreu uma fratura por estresse na tíbia com sangramento nas áreas de crescimento da perna ocasionadas pelo excesso de treinamento.

Quatro anos depois, nos JO de Sydney na Austrália em 2000, o Brasil classificou pela primeira vez duas ginastas sendo elas: Daniele Hypólito e Camila Comin. Nas olimpíadas de Atenas (2004), o Brasil levou uma equipe completa, para a competição na categoria feminina e foi representado pelo ginasta Mosiah Rodrigues no masculino acompanhado pelo seu técnico Leonardo Finco. Daniele Hypólito, Camila Comin, Daiane dos Santos, Laís Souza, Caroline Molinari e Ana Paula Rodrigues formavam a equipe feminina sob direção técnica de Oleg Ostapenko, Irina Ilyaschenko e Nadia Ostapenko.

Finalmente, em 2008 nos JO de Pequim na China, o Brasil levou pela segunda vez uma equipe completa no feminino finalizando a competição na oitava colocação. Com a mesma direção técnica da olimpíada anterior, formavam a equipe: Ana Cláudia Silva, Jade Barbosa, Ethiene Franco, Daiane dos Santos, Laís Souza e Daniele Hypólito. O ginasta Diego Hypólito, acompanhado de seu técnico Renato Araújo, foi o único representante no masculino, alcançando a final da prova de solo onde obteve o sexto lugar.

Considerando que estes resultados obtidos em JO não nos permitem uma análise mais ampla e coerente da atual conjuntura da GA, em especial da GAM brasileira no período de 1987-2008, optamos por analisar outras competições, buscando encontrar as relações mais significativas entre os resultados obtidos e outros acontecimentos relevantes desta modalidade.

## Metodologia

Para realizar este estudo, optamos por analisar os resultados das seguintes competições internacionais: Campeonato Mundial (CM),

Grande Final da Copa do Mundo (GFCM)<sup>1</sup>, Jogos Pan-americanos (JP) e Jogos Olímpicos (JO). Selecionamos essas competições considerando que se tratam dos eventos de maior prestígio e representatividade do calendário mundial da GA e que abrangem um grande número de países participantes e os maiores especialistas deste esporte.

Para o levantamento dos dados foi realizada uma pesquisa bibliográfica através de livros, revistas, artigos e páginas da internet especializadas na modalidade. Após o levantamento bibliográfico inicial, realizamos uma seleção do material através de uma análise textual. Com os textos já selecionados, realizamos uma análise temática e interpretativa ([SEVERINO](#), 1989), reduzindo as informações conforme nossos objetivos para posteriormente procedermos com uma análise qualitativa dos dados, tabulando conforme o evento e o período, em categorias segundo sugerem [Bardin](#) (2008) e [Triviños](#) (1987) na análise temática categorial.

## Resultados

Iniciamos nossa análise no ano de 1987 quando foi realizado na cidade de Roterdã na Holanda o CM. Optamos por iniciar nosso estudo analisando esta competição pelo fato deste evento competitivo ter servido de classificatório para os JO de 1988. Nesta ocasião o Brasil ficou na 22ª colocação na competição por equipes dentre os 27 países participantes. Esta classificação não possibilitou ao país enviar uma equipe completa para os JO de Seoul na Coreia em 1988. Apenas um atleta brasileiro conseguiu a vaga olímpica sendo ele Guilherme Saggese Pinto.

Competindo em Seoul, Guilherme Saggese Pinto encerrou sua participação olímpica na 89ª posição na competição do individual geral. Segundo [Publio](#) (2002), o ginasta brasileiro recebeu o reconhecimento internacional através da prestigiada revista americana *International Gymnast* que considerou a sua série de barra fixa a mais original dos JO.

No CM de Stuttgart na Alemanha em 1989 o país ficou com o 24º lugar na competição por equipes caindo duas posições em relação ao

<sup>1</sup> Não iremos analisar as etapas classificatórias da Grande Final da Copa do Mundo devido ao desnível técnico dos ginastas nessas competições. Frequentemente, os resultados obtidos pelos ginastas nesses eventos não são comparáveis as performances realizadas nos CM e JO.

mundial anterior. A ausência do ginasta Guilherme Saggese Pinto na competição pode ter favorecido essa queda na classificação da equipe ([PUBLIO](#), 2002).

Na cidade de Havana em Cuba, no ano de 1991, o país saiu da competição dos JP sem conquistar nenhuma medalha. Esse resultado foi uma prévia do que aconteceria no CM que seria realizado no mesmo ano nos Estados Unidos.

Em Indianápolis, cidade na qual foi realizado o 26º CM de GA, o Brasil repetiu a fraca atuação dos JP e piorou sua colocação passando a ser a 25ª equipe do mundo dentre os 30 países participantes. A seleção brasileira obteve um total de 530,00 pontos ficando 54,425 pontos atrás da equipe campeã da União Soviética. Apesar do mal resultado nos Estados Unidos, o país

conseguiu classificar um atleta para os JO de Barcelona em 1992 na Espanha.

O ginasta representante nos JO de Barcelona foi Marco Monteiro que encerrou a competição na 84ª colocação melhorando a classificação do JO anterior conquistada por Guilherme Saggese Pinto, mas mesmo assim tendo uma atuação discreta longe de conseguir classificação para as finais. Ainda no ano de 1992, foi realizado em Paris o CM de especialistas onde foram disputadas apenas as competições por aparelhos. Nesse evento o Brasil foi representado pelos ginastas: Marco Monteiro, Gilberto Figueira e José M. M. Barbuto. O melhor resultado alcançado por um brasileiro foi o 30º lugar de Gilberto Figueira na prova de salto.

**Tabela 1.** Classificação dos ginastas brasileiros no CM de 1992.

Ginastas	Solo	Cavalo com Alças	Argolas	Salto	Barras Paralelas	Barra Fixa
Gilberto Figueira	70º	64º		30º	44º	64º
Marco Monteiro	38º	44º	56º	49º	43º	39º
José M. M. Barbuto	63º	76º		55º	49º	56º

O Brasil não enviou atletas no masculino para o mundial de 1993 em Birmingham na Inglaterra onde apenas foram realizadas as disputas individuais (geral e por aparelhos). Apenas a ginasta Soraya Carvalho participou desse evento competitivo representando o Brasil na categoria feminina.

No ano de 1994 foram realizados dois CM sendo um deles na Alemanha e outro na Austrália. Na cidade de Brisbane, Austrália, foram disputadas apenas as competições individuais e em Dortmund, Alemanha, a disputa por equipes. Na Austrália o país obteve resultados pouco expressivos por parte de seus atletas como podemos observar na Tabela 2:

**Tabela 2.** Classificação dos ginastas brasileiros no CM de Brisbane 1994.

Ginastas	Individual Geral	Solo	Cavalo com Alças	Argolas	Salto	Barras Paralelas	Barra Fixa
Kleber Sato	78º	66º		57º	44º		
Gilberto Figueira	86º	76º	77º	77º	67º	65º	79º
Marco Monteiro			67º			72º	40º
José M. M. Barbuto			59º			81º	62º

Os resultados do CM de Brisbane, mostram que os ginastas brasileiros não possuíam suficiente nível técnico para disputar boas colocações em competições de nível mundial até aquele momento. Na época a melhor colocação conseguida por um ginasta brasileiro foi a 40ª colocação de Marco Monteiro no salto sobre o cavalo. Isso demonstra que o Brasil estava muito longe do nível competitivo dos países que figuravam entre os primeiros lugares.

No mundial de Dortmund, o Brasil não teve representação por equipes tanto no masculino como no feminino. Conforme [Publio](#) (2002),

desde 1978 o país participava com equipes completas nos CMs. A ausência no CM de 1994 na Alemanha pode ser explicada pela falta de recursos financeiros e a baixa possibilidade do Brasil em disputar um lugar no pódio na competição já que esse evento apenas privilegiava a competição por equipes.

A diferença no nível técnico brasileiro, com relação aos outros países, ficou evidente quando a equipe ficou na última colocação nos JP de Mar Del Plata na Argentina em 1995. O Brasil ficou mais de quarenta pontos atrás da equipe campeã, os Estados Unidos. Individualmente

Marcos Monteiro, José M. M. Barbuto e Fabrício Olsson ficaram, respectivamente, em 13º, 14º e 17º lugares na competição do individual geral. O Brasil não conseguiu classificar nenhum atleta masculino para as finais por aparelhos nesses JP.

No mesmo ano, a cidade de Sabae no Japão foi a sede do 30º CM de GA. O Brasil foi representado por dois atletas: Marco Monteiro e Heron Bambirra. Os dois ficaram respectivamente com a 86º e 125º colocações entre os ginastas que competiram o individual geral. Devido a essas colocações o Brasil não classificou atletas, na categoria masculina, para os JO de Atlanta em 1996 quebrando com uma seqüência de quatro

edições olímpicas consecutivas onde o país enviava representantes individuais.

No mundial por aparelhos, realizado em San Juan em Porto Rico no ano de 1996, o Brasil mais uma vez saiu da competição sem ter classificado atletas para as finais. Cristiano Albino foi o ginasta com melhor classificação entre os brasileiros, ficando na 21º posição na prova de salto e 24º nas argolas. Apesar de parecer um bom resultado, se comparado com as competições anteriores, não podemos deixar de sinalizar que muitos países levaram equipes "B" (atletas com menos experiência ou reservas) ou optaram por não participar dessa competição privilegiando a preparação para os JO de Atlanta.

**Tabela 3.** Classificação dos ginastas brasileiros no CM de 1996.

Ginastas	Solo	Cavalo com Alças	Argolas	Salto	Barras Paralelas	Barra Fixa
Cristiano Albino			24º	21º		
Roger Medina	39º			27º		
Marco Monteiro		45º				58º
Gustavo Barreto		52º			46º	
César Jardim					52º	65º
Felippe Mendonça	54º		55º			

No 33º CM realizado na cidade Suíça de Lausanne em 1997, o Brasil mais uma vez encerrou a competição sem bons resultados. O país não levou uma equipe completa e apenas três ginastas representaram o Brasil: Heron Bambirra, Charley Malewschik e Mosiah Rodrigues. Os três atletas não conseguiram ficar entre os cem primeiros ginastas na disputa do individual geral. Para entender a discrepância técnica entre os ginastas brasileiros e a elite estrangeira podemos citar os exemplos dos dois ginastas americanos Jay Thorton e John Roethlisberger que apesar de terem competido apenas cinco aparelhos, conseguiram se classificar à frente do ginasta brasileiro Mosiah Rodrigues que havia competido nos seis aparelhos. Muitos podem dizer que essa comparação é injusta devida à inexperiência e a jovialidade de Mosiah Rodrigues nesta competição, porém ginastas da mesma faixa etária conquistaram títulos mundiais no passado, e nesta competição, Li Xiaopeng da China conquistou uma prata e um bronze possuindo a mesma idade do ginasta brasileiro.

Nos JP de Winnipeg no Canadá em 1999, a história se repete e o Brasil termina na última colocação na competição por equipes. A equipe era formada por: Cristiano Albino, Gustavo

Barreto, Michel Conceição, Charley Makweschik, Mosiah Rodrigues e Kleber Sato. No individual geral, Michel Conceição foi o melhor brasileiro finalizando a competição no 15º lugar. Mosiah Rodrigues e Charley Malewschik ficaram em 16º e 19º respectivamente. Três ginastas brasileiros conseguiram a classificação para as finais por aparelhos. Na prova de cavalo com alças, Gustavo Barreto ficou na 8º colocação; Kleber Sato ficou em 6º na argolas; e Michel Conceição finalizou em 7º na prova de salto sobre o cavalo após cair nos dois saltos realizados na final. Parece-nos que é neste momento, ainda que individualmente, o Brasil começava a dar mostra de uma melhora no nível técnico de seus ginastas.

Na cidade de Tianjin na China em 1999, o Brasil mais uma vez não competiu com uma equipe completa no CM. Mosiah Rodrigues, Charley Maleaschki e Kleber Sato foram os atletas representantes do Brasil na competição. Eles obtiveram, respectivamente, a 70º, 118º e 127º colocação entre os atletas que competiram o individual geral. Com esse resultado nenhum atleta masculino foi classificado para os JO de Sydney na Austrália no ano 2000.

Em 2001, na cidade de Ghent na Bélgica, o Brasil encerrou a competição por equipes na 23º

posição no CM. O ginasta Michel Conceição foi o melhor brasileiro classificado no individual geral terminando na 58<sup>o</sup> posição. Mosiah Rodrigues e Danilo Nogueira terminaram respectivamente em 88<sup>o</sup> e 90<sup>o</sup> posições. Esta competição teve um caráter importante para a GAM do Brasil, pois o país voltou a competir com uma equipe completa

no CM e Michel Conceição conseguiu uma boa classificação quando comparado com os resultados brasileiros anteriores entre os ginastas do individual geral. A equipe era formada pelos ginastas: Charley Malewschik, Maximiliano Monte, Mosiah Rodrigues, Michel Conceição, Vitor Camargo e Danilo Nogueira.

**Tabela 4.** Classificação dos ginastas brasileiros nas finais dos JP de Santo Domingos na República Dominicana.

	Individual Geral	Solo	Cavalo com Alças	Argolas	Salto	Barras Paralelas	Barra Fixa
Danilo Nogueira	9 <sup>o</sup>		5 <sup>o</sup>			6 <sup>o</sup>	
Mosiah Rodrigues	10 <sup>o</sup>		3 <sup>o</sup>				3 <sup>o</sup>
Michel Conceição		2 <sup>o</sup>			3 <sup>o</sup>	4 <sup>o</sup>	
Diego Hypólito		4 <sup>o</sup>			2 <sup>o</sup>		

No mundial de 2002, realizado em Debrecen na Hungria onde foram realizadas apenas disputas individuais, Diego Hypólito ganhou destaque ao classificar-se para a final dos exercícios de solo. Essa classificação foi um marco na GA nacional, pois foi um fato inédito para o Brasil ser representado numa final de CM na GAM. Outro bom resultado que merece destaque foi a classificação para a semi-final do ginasta Gustavo Lobo da Fonte. Gustavo conseguiu a vaga para a semi-final na oitava colocação, mas infelizmente não conseguiu passar da semi-final finalizando a competição em 15<sup>o</sup> lugar<sup>2</sup>. Diego Hypólito também chegou a semi-final da prova de salto finalizando em 14<sup>o</sup> lugar. Na final do solo, Diego Hypólito terminou na 4<sup>o</sup> posição sendo esse resultado um fato sem precedentes na GAM nacional. [Nunomura](#) (2004), analisando os resultados da GA brasileira nesse período, afirma que eram frutos de muito esforço e talento, pois os investimentos nessa modalidade eram insignificantes, se comparados com países de maior tradição. Como consequência do resultado alcançado por Diego Hypólito, houve um importante incremento na vinculação da modalidade realizada pela mídia o que atraiu investimentos para o setor masculino no país.

Nos JP de Santo Domingos em 2003, a equipe brasileira conseguiu a segunda colocação na competição por equipes mostrando uma exponencial progressão. Dirigida pelos técnicos Vyecheslav Azimov e Leonardo Finco a equipe era formada pelos ginastas: Diego Hypólito,

Mosiah Rodrigues, Danilo Nogueira, Vitor Camargo e Victor Rosa. Além da medalha de prata por equipes, o Brasil conquistou mais duas medalhas de prata e três de bronze na competição.

Apesar da grande atuação brasileira na competição, é necessário reforçar que nas últimas edições dos JP muitos países têm optado por levar equipes secundárias formadas por atletas juvenis com menor nível técnico ou atletas inexperientes deixando as equipes principais para competições mais importantes. Assim sendo, observamos que alguns medalhistas de ouro nessa competição não conseguiriam se classificar para as finais do CM ou JO subsequentes, o que reforça a idéia de um menor nível técnico desta competição apesar de não tirar o mérito dos ginastas, da equipe técnica e do evento.

No mundial seguinte, realizado na cidade de Anaheim nos Estados Unidos em 2003, a equipe brasileira terminou na 19<sup>o</sup> colocação entre as 52 equipes participantes, mostrando um grande avanço técnico e maturidade competitiva, pois vários atletas já possuíam experiência em eventos deste porte. Os ginastas que compunham a equipe eram: Vitor Camargo, Mosiah Rodrigues, Michel Conceição, Danilo Nogueira, Diego Hypólito e Victor Rosa.

No individual geral, Danilo Nogueira e Mosiah Rodrigues também conseguiram colocações respeitáveis ao ficarem entre os 50 melhores ginastas do mundo. Para um país como o Brasil, sem tradição no esporte, colocar dois atletas entre os 50 melhores do mundo, 48<sup>o</sup> e 45<sup>o</sup> respectivamente, representou um avanço significativo na modalidade. Na disputa por

<sup>2</sup> Anteriormente, Gustavo Lobo da Fonte foi campeão da única edição Jogos Mundial da Juventude no ano de 1998 em Moscou na Rússia na prova de salto sobre o cavalo, sendo esse resultado significativo para a GAM nacional.

aparelhos, Diego Hypólito volta a conseguir bons resultados ficando em 7º lugar na prova de salto e em 4º na prova de solo empatado com o ginasta romeno Marian Dragulesco.

O 19º lugar da equipe brasileira neste mundial não garantiu a classificação da equipe para os JO de Atenas na Grécia em 2004. A vaga olímpica foi conquistada por Mosiah Rodrigues ao ficar entre os 10 melhores ginastas do individual geral não pertencentes aos países já classificados para essa edição dos Jogos. A conquista de Mosiah fez com que o Brasil voltasse a essa competição após duas olimpíadas sem representação na categoria masculina.

Em Atenas, Mosiah Rodrigues encerrou a sua participação olímpica na 33ª colocação do individual geral, sendo essa a melhor classificação conseguida por um ginasta masculino brasileiro nesse grande evento esportivo. Na prova de sua especialidade, o cavalo com alças, o ginasta brasileiro ficou na 21ª colocação com a respeitável nota de 9,600 sendo essa sua melhor classificação nos aparelhos.

Na 12ª edição da Grande Final da Copa do Mundo (2004), evento realizado desde 1975, o Brasil foi representado pelo ginasta Diego Hypólito, fato inédito para a GAM brasileira. A competição foi realizada em Birmingham na Inglaterra e Diego participou da final do solo e do salto. Na prova de salto Diego Hypólito terminou na quarta colocação e nos exercícios de solo o ginasta brasileiro consagrou-se campeão. Essa atuação de Diego Hypólito o projetou no cenário internacional da ginástica. Ao longo da fase de classificação para a grande final, o ginasta brasileiro conquistou 6 medalhas de ouro (5 no solo e 1 no salto) nas etapas classificatórias da Copa do Mundo no ano de 2004, mostrando que

realmente estava em grande fase e entre os melhores do mundo.

Seguindo esta fase de ascensão, um ano depois do inédito título da Grande Final da Copa do Mundo, Diego Hypólito tornou-se o primeiro brasileiro a vencer uma prova do CM no masculino. O atleta paulista, porém membro da equipe do Clube de Regatas do Flamengo (RJ) obteve esse resultado no mundial de Melbourne na Austrália em 2005. Além desse resultado histórico de Diego Hypólito, o ginasta Mosiah Rodrigues do Clube Grêmio Náutico União (RS) terminou na 23ª colocação na final do individual geral. Com esse resultado Mosiah alcançou a melhor classificação obtida por um brasileiro no individual geral, resultado que, apesar de grandioso, foi pouco visível devido à grande conquista de Diego.

No mundial de Århus na Dinamarca em 2006, a equipe brasileira melhorou sua colocação terminando no 18º lugar. Tendo por objetivo uma melhor classificação por equipes visando a vaga para o mundial pré-olímpico, apenas um atleta competiu os seis aparelhos sendo ele Victor Rosa que terminou na 51ª posição. Diego Hypólito, favorito na prova de solo, encerrou a competição na 2ª colocação. Além da prata no solo, Diego Hypólito ficou em 5º lugar na prova de salto.

Após 28 anos, a cidade de São Paulo voltou a sediar a Grande Final de Copa do Mundo no ano de 2006. Apenas um brasileiro conseguiu somar pontos suficientes ao longo das etapas classificatórias para participar desse grande evento no masculino. Diego Hypólito subiu no pódio nas duas provas em que havia se classificado ficando com o bronze no salto e ouro na prova de sua especialidade, o solo, sagrando-se bicampeão.

**Tabela 5.** Classificação dos ginastas brasileiros nas finais dos JP de 2007.

	Individual Geral	Solo	Cavalo com Alças	Argolas	Salto	Barra Paralelas	Barra Fixa
Luis A. dos Anjos	8º					7º	
Mosiah Rodrigues	9º	5º	6º				1º
Danilo Nogueira			7º	7º			3º
Diego Hypólito		1º			1º		

Em 2007 no Brasil, competindo no Rio de Janeiro onde foram realizados os JP, a equipe brasileira ficou com a segunda colocação atrás da equipe de Porto Rico fazendo história ao conseguir três medalhas de ouro, uma prata e um bronze, como podemos ver na Tabela 5.

Apesar das medalhas, devemos analisar estes resultados com cautela. Alguns países deixaram de enviar suas equipes principais visando à preparação para o CM pré-olímpico que aconteceu em Stuttgart na Alemanha alguns meses depois. Muitos atletas medalhistas nessa

competição não estariam classificados, com as notas conquistadas nos JP, para a disputa de uma final em Stuttgart. Podemos citar o exemplo de Mosiah Rodrigues que apesar da medalha de ouro na barra fixa não conseguiu a classificação para a final do CM de 2007 nessa prova. A nota do ginasta Mosiah Rodrigues nesta prova nos JP foi 14.625, já no mundial de Stuttgart, a nota do último ginasta classificado para a final foi 15.225 sendo a nota do campeão na final de 16.250, números que demonstram este desnível técnico entre os JP e os outros grandes eventos internacionais (CM e JO) conforme já mencionamos.

No CM de Stuttgart em 2007, o Brasil continuou em fase de ascensão ao melhorar, mais uma vez, a sua classificação na disputa por equipes. O país terminou na 17<sup>o</sup> colocação com uma atuação que por pouco não possibilitou o fato inédito de enviar dois atletas para os JO. Essa foi a terceira vez consecutiva que a equipe do Brasil melhorou a sua posição no *ranking* da competição por equipes nos CMs passando do 19<sup>o</sup> lugar para o 17<sup>o</sup> no *ranking* mundial. Sob a direção técnica de Renato Araújo e Leonardo Finco a equipe era formada pelos ginastas: Diego Hypólito, Mosiah Rodrigues, Victor Rosa, Arthur Zanetti, Luís Augusto dos Anjos e Danilo Nogueira.

No individual geral, Diego Hypólito foi o melhor ginasta brasileiro classificado ficando na 36<sup>o</sup> posição. Victor Rosa e Luís Augusto dos Anjos ficaram respectivamente em 47<sup>o</sup> e 60<sup>o</sup> lugares. Diego Hypólito confirmou o seu favoritismo na prova de solo tornando-se bicampeão mundial. Apesar de ser um dos favoritos para o salto sobre a mesa, uma falha na fase classificatória impossibilitou suas chances de alcançar a final.

Nos JO de 2008 na China, o brasileiro Diego Hypólito foi o representante na categoria masculina da GA. Optando por competir em apenas duas provas, solo e salto, onde suas possibilidades eram reais, o ginasta brasileiro classificou-se na primeira posição para a final da prova de solo. Uma queda na última seqüência acrobática da série tirou as possibilidades de medalha de Diego Hypólito na final, fazendo o ginasta encerrar a competição na sexta colocação. Mesmo sem conseguir lograr uma medalha olímpica, o resultado de Diego Hypólito foi um marco para a GAM nacional, deixando boas expectativas para o futuro. Para mostrar que

a falha dos JO de Pequim foi realmente um acidente, no mês de dezembro Diego Hypólito venceu a Grande Final da Copa do Mundo realizada em Madrid na Espanha, tornando-se tricampeão da competição. Além de Diego, o ginasta Mosiah Rodrigues participou da prova de barra fixa, onde obteve a 5<sup>a</sup> colocação.

Apesar de não termos abordado as etapas de Copa do Mundo, devemos destacar os resultados de jovens atletas como: Victor Rosa do Clube de Regatas do Flamengo (CRF) na Copa do Mundo de Cottbus na Alemanha onde conquistou a medalha de prata na prova de solo; Luíz Augusto dos Anjos do Esporte Clube Pinheiros (ECP), bronze na barra fixa na etapa de Ghent na Bélgica em 2007; e Arthur Zanetti da Associação de Ginástica Di Thieni (AGITH), bronze no solo em Maribor na Eslovênia em 2008. Os ginastas são treinados respectivamente pelos técnicos: Renato Araújo, Raimundo Benito Blanco e Marco Suzarte Goto.

### **Análise dos Resultados**

[Marchi Júnior](#) (2002, p. 77), afirma que na atualidade, o esporte tem sido considerado uma das manifestações culturais que, marcadamente, mais têm apresentado evoluções e transformações, sejam elas de ordem técnica ou referentes à forma de exposição e absorção pela sociedade. A GAM brasileira se insere nesse contexto quando, conforme afirma [Bortoleto](#) (2000, p. 18), a modalidade gradualmente passou a atrair um número maior de praticantes, de profissionais, técnicos estrangeiros, principalmente do leste europeu, permitindo o intercâmbio internacional de técnicos e atletas, conseqüentemente aumentando a qualidade do trabalho realizado no Brasil.

A melhora nos resultados internacionais, nos últimos anos, demonstra a velocidade com que a GAM vem evoluindo e se desenvolvendo no país.

Analisando o período inicial do nosso estudo, podemos inferir que a GAM brasileira possuía problemas característicos do esporte amador. A realização de projetos de trabalho sem seqüência, continuidade, marcados pela improvisação e pela falta de recursos financeiros eram características inerentes à modalidade.

Na década de 80, havia poucos centros esportivos que desenvolviam projetos de GA, sendo que a grande maioria dos que existiam não podiam fornecer um treinamento adequado para



os nossos atletas chegarem ao alto nível, seja por dificuldades de infra-estrutura ou de aperfeiçoamento técnico.

Nesta época, a maior parte dos clubes não possuía recursos financeiros suficientes para comprar ou fazer a manutenção dos aparelhos e equipamentos auxiliares, em sua maioria importados, dificultando a progressão técnica dos ginastas com segurança, eficiência e rapidez. A importância desses aspectos na evolução dos ginastas pode ser entendida nas palavras de [Smoleuskiy](#) e Gaverdouskiy (1996), quando afirmam que as instalações que a ginástica contemporânea requisita é um ponto vital na preparação dos ginastas. Além das dificuldades ocasionadas durante os treinamentos, os ginastas daquele período possuíam problemas em se adaptar aos aparelhos utilizados nas competições internacionais que eram diferentes dos utilizados aqui no Brasil.

A escassez de investimentos financeiros, no final da década de 80 e início dos anos 90, também limitaram os intercâmbios e as participações em eventos internacionais, fato de suma importância na esfera do esporte de alto nível. Com a possibilidade de realizar intercâmbios e de competir no exterior restringida, os ginastas diminuam suas chances de medalhas devido à falta de experiência e por não serem conhecidos pela arbitragem.

A equipe brasileira passou por um período de regressão na classificação das seleções nacionais chegando ao ponto de não enviar uma equipe completa para quatro edições de CM (Tabela 6). Os fatores assinalados acima ajudam a entender a ausência de representantes nestas competições.

**TABELA 6.** Classificação da equipe brasileira nas edições do CM (1987-2007).

Campeonato Mundial	Colocação da Equipe Brasileira
1989 Stuttgart (Alemanha)	24 <sup>o</sup>
1991 Indianápolis (Estados Unidos)	25 <sup>o</sup>
1994 Dortmund (Alemanha)	*
1995 Sabae (Japão)	*
1997 Lausanne (Suíça)	*
1999 Tianjin (China)	*
2001 Ghent (Bélgica)	23 <sup>o</sup>
2003 Anaheim (Estados Unidos)	19 <sup>o</sup>
2006 Århus (Dinamarca)	18 <sup>o</sup>
2007 Stuttgart (Alemanha)	17 <sup>o</sup>

\* O país não enviou uma equipe completa para a competição.

Mesmo com todos estes fatores limitantes, paulatinamente as equipes técnicas conseguiram aperfeiçoar seus conhecimentos sobre os elementos e métodos de treinamento. Estes conhecimentos foram obtidos principalmente através de intercâmbio internacional, considerando a falta de referências no Brasil. A vinda de treinadores estrangeiros foi fundamental nesse aspecto.

Os cursos de arbitragem e de aperfeiçoamento técnico realizados no Brasil eram limitados e atingiam um público restrito, dificultando ainda mais a atividade dos profissionais que realizavam a preparação dos ginastas.

Neste período não só os atletas e clubes sofriam com o amadorismo e a falta de investimentos na modalidade, mas a própria CBG tinha problemas organizacionais severos. O amadorismo da modalidade era tão grande que no início da década de 90, os documentos da CBG eram guardados no porta-malas do carro da então presidente Vicélia Florenzano que assumiu seu primeiro mandato em 1991 ([VICELLI](#), 2008).

Apenas no ano de 1995, a CBG conseguiu uma sede que foi estabelecida na cidade de Curitiba com o apoio do governo do estado do Paraná e do Comitê Olímpico Brasileiro (COB). Neste local, a CBG possui um complexo onde se encontram a sede administrativa e o Centro de Treinamento (CT) com infra-estrutura de alto nível

dentro dos padrões internacionais ([SANTOS](#) et al., 2006; [CARVALHO](#), 2007).

Mesmo com essa melhor infra-estrutura, a CBG continuou a possuir um orçamento limitado e poucos atletas possuíam patrocinadores pessoais. Isso pendurou até o início do século XXI. Podemos citar o exemplo da ginasta Daniele Hypólito que foi medalhista de prata, na prova de solo durante o mundial de 2001, viajando com o auxílio financeiro do jogador de futebol Ronaldo, pois não possuía recursos para se manter durante a competição. Esse exemplo explicita a realidade financeira da modalidade naquele período.

Este problema começou a ser revertido com o aumento no suporte financeiro advindo do governo federal através da Lei Agnelo/Piva de 2001 e da Lei de Incentivo ao Esporte de 2006.

A Lei Agnelo/Piva foi sancionada pelo então Presidente Fernando Henrique Cardoso e estabelece que 2% da arrecadação bruta das loterias esportivas federais sejam destinadas para o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e para o Comitê Paraolímpico Brasileiro (CPB). Em agosto de 2001, o COB criou o Fundo Olímpico a partir do qual são distribuídas as verbas às Confederações esportivas.

**Tabela 7.** Recursos orçados/estimados pelo COB advindos da Lei Agnelo/Piva destinados à CBG

Ano	R\$
2002	896 mil
2003	1,58 milhões
2004	1.4 milhões
2005	1,8 milhões
2006	1,9 milhões
2007	1.8 milhões
2008	2.2 milhões
2009	2,4 milhões

Os recursos destinados a CBG são divididos entre todas as disciplinas gímnicas coordenadas por esta instituição. Fonte: [COB](#) (2009)

Os recursos advindos da Lei Agnelo/Piva são utilizados no desenvolvimento e na manutenção dos projetos, nos recursos humanos da Confederação, na preparação técnica e manutenção dos ginastas e no desenvolvimento de competições.

A Lei de Incentivo ao Esporte veio para auxiliar na arrecadação dos recursos da Lei Agnelo/Piva. Essa Lei consiste em incentivos fiscais destinados ao fomento de atividades esportivas no país. Segundo [Ayres](#) e [Conceição](#) (2007, p 2), *as pessoas físicas e jurídicas poderão investir diretamente em projetos desportivos e para-desportivos aprovados previamente pelo Ministério do Esporte sendo que o objetivo do Governo Federal é utilizar o investimento direto do setor privado, captado com base no incentivo fiscal do imposto de renda.*

Através desses recursos financeiros, iniciados com a Lei Agnelo/Piva em 2002, a CBG passou a ter a oportunidade de estruturar melhor os seus programas de base e de alto rendimento.

Em 2002 o COB incluiu a GA num projeto de realização de circuitos competitivos nacionais de

esportes olímpicos promovendo pela primeira vez no Brasil, competições de GA com premiação monetária ([PUBLIO](#), 2006). Atualmente, a CBG oferece premiação em dinheiro nos Campeonatos Brasileiros e nos Circuitos Nacionais através do patrocinador oficial da entidade. Alguns atletas possuem seus próprios patrocinadores, fato impensável em alguns períodos da GAM nacional. Aqueles ginastas que não possuem patrocínio podem recorrer ao programa Bolsa Atleta do Ministério do Esporte, que ajuda atletas com resultados expressivos nacionais e internacionais. Desde a sua implantação, o bolsa atleta já beneficiou 73 ginastas masculinos ([MINISTÉRIO DOS ESPORTES](#), 2009).

Os recursos financeiros advindos dessas leis, programas e patrocínios possibilitaram aos ginastas masculinos se manterem nos treinamentos por mais tempo. Diferente do feminino onde as atletas atingem o auge ainda adolescentes, entre os 16 e 19 anos, no masculino os atletas tendem a ter seus melhores resultados após os 20 anos, devido a isso, muitos ginastas brasileiros abandonaram o esporte quando atingiram a idade de trabalhar

([BERTOLOTTI](#), 2008), impossibilitando assim, alcançar bons resultados internacionais.

Os recursos financeiros possibilitaram o intercâmbio com outros países, períodos de aclimação antes de grandes eventos, contratação de técnicos estrangeiros, compra de aparelhos importados e uma maior participação em competições internacionais.

O fato dos atletas brasileiros passarem a competir cada vez mais no exterior, tornando-se conhecidos pela arbitragem e ganhando experiência, contribuiu de forma significativa no processo de melhora dos resultados.

As mudanças nos formatos das competições, também contribuíram para a emergência de países sem tradição, como o Brasil, no cenário internacional da GAM. Um exemplo é o formato das Copas do Mundo, que privilegia a participação de ginastas especialistas em determinados aparelhos. O Brasil, embora não possua resultados expressivos por equipe nem no individual geral, vem nos últimos anos conseguindo resultados expressivos com ginastas especialistas como Diego Hypólito.

As classificações obtidas pelo Brasil no CM de 2002 e 2003, onde voltamos a levar uma equipe completa, e as medalhas conquistadas nos JP de 2003 exemplificam a influência que a melhor organização da modalidade e o maior suporte financeiro trouxeram para a GAM brasileira nesse início de século. O fato de voltarmos a ter um ginasta masculino em JO, após duas olimpíadas sem representação, também é outro ponto que demonstra isso.

A evolução nos resultados internacionais nos últimos anos também é consequência direta da melhor formação dos treinadores e árbitros brasileiros. A melhor organização da modalidade possibilitou a realização de mais cursos de arbitragem e de capacitação nacionais e internacionais se comparado com o período inicial do nosso estudo. Podemos citar como exemplo, a realização do *FIG Academy*, aqui no Brasil, nos anos de 2004, 2005 e 2008. Este programa internacional, visa à capacitação dos técnicos em três níveis conferindo a aqueles de destaque o *FIG Coachs' Brevet*. No curso realizado em 2008 em Curitiba, dois treinadores que atuam no Brasil receberam esse *Brevet* sendo eles: Renato Araújo e Raimundo B. Blanco. Dentro do corpo docente do *FIG Academy* encontra-se hoje a

Prof<sup>a</sup>. Andrea João presidente da Federação do estado do Rio de Janeiro. Isso demonstra o avanço no conhecimento técnico da modalidade aqui no Brasil.

Na questão da arbitragem, de acordo com a [FIG](#) (2008), estavam cadastrados 23 árbitros brasileiros nas categorias internacionais do ciclo 2005-2008. A presença desses árbitros, de qualificação internacional, aumenta o nível de exigência nas competições nacionais e na própria preparação dos ginastas brasileiros já que a maioria dos árbitros trabalha como treinadores.

Não podemos deixar de mencionar o trabalho desenvolvido através da seleção permanente. Apesar de a CBG ter conseguido um maior sucesso com o programa feminino, a seleção masculina permanente contribuiu com o desenvolvimento da GAM fornecendo aos atletas melhores condições de treinamento nos períodos que antecederam as grandes competições. A tentativa de formar uma seleção permanente no masculino foi iniciada em 2003 quando o grupo foi reunido visando à preparação para os JP de 2003 na República Dominicana. De 2003 até 2007, houve um misto de seleção permanente e treinamento dos atletas em seus clubes de origem. Os resultados poderiam ter sido melhores, mas a seleção permanente masculina enfrentou problemas de adaptação e aceitação por parte dos atletas e membros da comissão técnica, e também conflitos de ordem política. Segundo a [Gazeta Press](#) (2007), a ex-presidente da CBG, Vicélia Florenzano, relatou que ciúmes entre os atletas e a sucessiva mudança de treinadores à frente da seleção na busca de uma melhor adaptação, dificultaram o trabalho no masculino<sup>3</sup>. No ano de 2007, seis meses antes do JP do Rio de Janeiro, a seleção permanente foi dissolvida.

## Considerações Finais

Pudemos observar a partir dos dados relatados que a GAM brasileira passou por mudanças significativas ao longo do período abordado nesse estudo. Verificamos que a modalidade teve uma evolução expressiva nos seus resultados competitivos internacionais colocando alguns ginastas entre os medalhistas desse esporte, apesar de que ainda estamos

<sup>3</sup> Ao longo do período da seleção permanente masculina, passaram pela comissão técnica: Vyachslav Azimov (Ucrânia), Frederico Hiller (Brasil) e Raimundo Benito Blanco (Argentina/Brasil).

longe do nível técnico das grandes potências na modalidade como Estados Unidos, Rússia, China e Japão e de possuir uma equipe completa (um conjunto de ginastas) com o mesmo nível técnico e competitivo.

Essa melhora nos resultados, demonstra a velocidade com que a GAM vem evoluindo e se desenvolvendo no país. Saímos de um total amadorismo na década de 80 e início dos anos 90, para uma melhor organização da modalidade que só foi possível através do aumento dos recursos financeiros destinados à modalidade pelos órgãos públicos e patrocinadores

Por muito tempo o talento e o esforço de nossos ginastas e treinadores sobressaíram diante das adversidades que marcaram o amadorismo da modalidade. O trabalho desenvolvido em torno da GAM brasileira nos últimos anos vem deixando a equipe brasileira cada vez mais consistente e com um futuro promissor. A possibilidade de nossos ginastas e treinadores realizarem intercâmbios, a vinda de técnicos estrangeiros, a possibilidade de competir freqüentemente no exterior, ganhando experiência e tornando-se conhecidos pela arbitragem, foram pontos fundamentais nesse processo. A melhor formação dos treinadores e árbitros também contribuiu significativamente nesse processo. Não podemos deixar de mencionar que atualmente a CBG e os clubes possuem uma melhor infra-estrutura de aparelhos oficiais e suplementares se comparado ao período inicial do nosso estudo.

Com essa melhor organização e infra-estrutura, a GAM brasileira passou a conquistar seus melhores resultados da história. Embora as classificações mais significativas estejam atreladas a um único ginasta, no caso Diego Hypólito, podemos observar que outros atletas estão se desenvolvendo no país com um futuro promissor como é o caso dos ginastas Luís A. dos Anjos e Arthur Zanetti que já vêm conseguindo bons resultados nas competições internacionais. Não podemos deixar de mencionar os resultados do ginasta veterano Mosiah Rodrigues que participou do JO de 2004 e que obteve, no mundial de 2005, a melhor classificação de um ginasta masculino brasileiro na competição do individual geral.

Por último, queremos destacar que este artigo vem, de certa forma, complementar e ampliar o

excelente estudo de [Publio](#) (2002), no qual aparecem os resultados competitivos internacionais até o ano de 1997.

## Referências

- [AYRES](#), F. G. S.; [CONCEIÇÃO](#), G. A. **Lei de incentivo ao esporte é regulamentada**. 2007. Disponível em: [http://www.pinheironeto.com.br/upload/tb\\_pinheironeto\\_artigo/pdf/220807151233anexo\\_bi1972\\_a.pdf](http://www.pinheironeto.com.br/upload/tb_pinheironeto_artigo/pdf/220807151233anexo_bi1972_a.pdf) Acesso em: 10 dez. 2008.
- [BARDIN](#), L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.
- [BERTOLOTTO](#), R. **Excelência esportiva: a situação fica russa na ginástica olímpica**. 2000. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/indices/inde0705.htm>. Acesso em: 08 jan. 2008.
- [BORTOLETO](#), M. A. C. **O caráter objetivo e subjetivo da ginástica artística**. 2000. 103f. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- [CARVALHO](#), S. **O discurso midiático da ginástica artística**. 2007. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007.
- COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO ([COB](#)) **Demonstração da aplicação dos recursos técnico/financeiros da lei Agnelo/Piva**. 2009. Disponível em: [http://www.timebrasil.com.br/sobre\\_cob/agnelo\\_piva.asp?id=3](http://www.timebrasil.com.br/sobre_cob/agnelo_piva.asp?id=3) Acesso em: 20 mar. 2009.
- [FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE GINÁSTICA](#) Disponível em: [www.fig-gymnastics.com](http://www.fig-gymnastics.com) Acesso em: 10 dez. 2008.
- [GAZETA PRESS](#). **Ciúme atrapalha evolução da equipe brasileira de ginástica artística masculina**. 2007. Disponível em: <http://www.clicbrasil.com.br/torcida/materia.php?IdNoticia=42583> Acesso em: 05 abr. 2008.
- [MARCHI JÚNIOR](#), W. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, M. W.; LUCENA, R. F. (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.
- [MINISTÉRIO DOS ESPORTES](#) **Bolsa atleta – atletas contemplados**. Disponível em: [http://portal.esporte.gov.br/snear/bolsa\\_atleta/lista\\_contemplados.jsp](http://portal.esporte.gov.br/snear/bolsa_atleta/lista_contemplados.jsp) Acesso em: 24 mar. 2009.
- [NUNOMURA](#), M. **A formação dos técnicos de ginástica artística: os modelos internacionais**.

**Revista Brasileira de Ciências e Movimento.**

2004. V. 13; n. 3; p: 63-69.

**PUBLIO**, N. S. **Evolução historia da ginástica olímpica.** São Paulo: Phorte, 2002. 2. ed.

**PUBLIO**, N. S. **Origem da ginástica artística.** In: NUNOMURA, M.; NISTA-PICCOLO, V. L. (Org.). *Compreendendo a ginástica artística.* São Paulo: Phorte, 2005.

**PUBLIO**, N. S. **Ginástica Artística.** In: DACOSTA, L. (ORG). *Atlas do esporte no Brasil.* Rio de Janeiro: CONFEEF, 2006

**ROMANELLI**, A. **Alto nível ocasiona mais lesões: problemas como o de Jade podem abreviar a carreira de atletas de ponta.** In: *Estadão de hoje – esportes.* 2008. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080914/not\\_imp241482,0.php](http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20080914/not_imp241482,0.php) Acesso em: 15 jan. 2009.

**SANTOS**, J. C. E.; SANTOS, N. G. M. **História da ginástica geral no Brasil.** Rio de Janeiro: J. C. E. dos Santos, 1999.

**SANTOS**, J. C. E.; et al. **Ginástica – federação internacional de ginástica (FIG) – confederação brasileira de ginástica (CBG)** In: DACOSTA, L. (ORG). *Atlas do esporte no Brasil.* Rio de Janeiro: CONFEEF, 2006.

**SEVERINO**, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 1989.

**SMOLEUSKIY**, V.; GAVERDOUSKIY, I. **Tratado general de gimnasia artística deportiva.** Barcelona: Editorial Paidotribo, 1996.

**SOARES**, C. L. **Imagens da educação no corpo.** Campinas: Ed. Autores Associados, 1998.

**TESCHE**, L. **O turnen, a educação e a educação física nas escolas teuto-brasileiras, no Rio Grande do Sul: 1852-1940.** Itují: Ed. Unijuí, 2001.

**TRIVIÑOS**, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

**VICELLI**, C. E. **Mudanças, mas sem radicalismo.** 2008. In: *Gazeta do Povo.* Disponível em: <http://portal.rpc.com.br/gazetadopovo/esportes/contenuto.php?id=840748> Acesso em: 23 dez. 2008.

Endereço:

Marco Antonio Coelho Bortoleto  
UNICAMP -Faculdade de Educação Física –  
Departamento de Educação Motora  
Rua Érico Veríssimo 701, Cidade Universitária  
Campinas SP Brasil Caixa Postal 6134  
13083-851  
Telefax: (19) 3521 6609  
e-mail: [bortoleto@fef.unicamp.br](mailto:bortoleto@fef.unicamp.br)

*Recebido em: 23 de março de 2009.*

*Aceito em: 19 de junho de 2009.*



Motriz. Revista de Educação Física. UNESP, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1980-6574 - está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)